SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho será a descrição e discussão do teste conhecido como HTP (House, Tree, Person). Neste será pedido a um sujeito X que efetue três desenhos, em três folhas por separado e a partir de cada um efetue as respostas de determinados questionários. Salientamos que, para esta segunda parte, a entrevista, preferimos optar por um misto de perguntas prontas, retiradas do manual de aplicação, e algumas que acreditamos ser de utilidade.

Desde já um dos elementos que se provaram de mais difícil execução foi a necessidade de evitar a projeção na interpretação e a sugestão na hora da prática. Um exemplo da segunda problemática é, "se esta árvore fosse uma pessoa quem seria", ou seja, se provoca no paciente uma associação, no entanto, é mister cuidar para que esta provocação não se transforme em um guia o último e se ponha a perder a associação livre.

Outro fator que dificultou a implementação do teste foi a própria escolha de paciente. Familiar e jovem de tendências indiferentes perante tais atividades. Motivados pelo interesse e provocados pelo desafio, ainda assim achamos útil sua participação, que de certa forma, como ficará referido no lugar apropriado do trabalho, resultou do mais surpreendente.

Sendo assim, dividiremos o trabalho em dois momentos, um teórico e outro prático. Intercalando nos dois nossos comentários e críticas ao tema.

II. APRESENTAÇÃO DO TESTE HTP

No decorrer da matéria estudamos muitos elementos formativos do que viemos a conhecer como a área do psicodiagnóstico. Efetuamos resumos de certos capítulos, discutimos com nossas palavras outros. Como seja, algo que se mostrou sempre evidente é a valorização do sujeito, "é sempre importante salientar que o foco da testagem deve ser o sujeito, e não os testes" (CUNHA, 2007).

Ao contrário do que acontece com testes psicométricos, que visam mais um objetivismo que poderia parecer, ao estudante crítico, uma afronta ao sujeito-paciente, o psicodiagnóstico demostrou-se em harmonia com nossos humildes princípios e contrário dos nossos medos, ou seja, demostrou que se nossa preocupação pecava de ignorância, não pecava de humanismo.

O teste projetado por John N. Buck, tem uma aplicação simples para um objetivo tão complexo como avaliar as características da personalidade, três folhas de papel, um lápis bem disposto e borracha. Cronometra-se a explicação do procedimento e o tempo levado para cada desenho. As folhas são colocadas de forma vertical para o paciente, com cada título correspondente (Casa-Árvore-Pessoa) no alto central. A sequência seria, explicação, desenho I, questionário, desenho II…. (BUCK, 2003).

Segundo CUNHA, 2007

> "Costumeiramente, a fase gráfica é seguida por uma fase verbal. Nesta, pode-se utilizar uma abordagem mais aberta, sugerindo ao sujeito que fale sobre a casa, a árvore e a pessoa que desenhou, que conte uma história usando os três elementos, ou, ainda, pode ser usado um procedimento mais estruturado."

Nossa atuação tratou de harmonizar dois opostos, o formalismo que exige a aplicação de um teste sério e o informal que evita a mecanização da aplicação. Em outras palavras, acreditamos que seria muito mais útil a "conversa" que a "leitura" das questões.

Na nossa atividade de Estágio na Clínica Escola, aprendemos a responder um prontuário no decorrer da sessão de triagem. No entanto, como podemos em uma escuta, olhando para uma folha e de forma indiferente e burocrática, iniciar com um "você já sofreu algum tipo de violência?". É necessário criar um ambiente propício antes. Desde já não questionamos o mérito das perguntas, apenas, preocupamo-nos de como serão efetuadas.

Logo, sobre a interpretação, seguindo as autoras do capítulo 35 de Psicodiagnóstico V, a supradita Jurema Alcides Cunha e Neli Klix Freitas, o desenho sozinho não representa nada. Existe uma pessoa por trás, um historial que se deve ter em conta, e uma escuta que deve ser percebida com atenção. Alguns dos exemplos expostos no capítulo são muito parecidos aos do nosso paciente, mas não por isso podemos chegar a conclusão que os dois casos são similares.

Obviamente esta etapa é a mais difícil e, em nosso caso, com o despreparo somado a imperfeição de uma única sessão mais informal do que formal, o resultado deve ser questionável. Antes de culpar o teste, sendo assim, devemos culpar o aplicador.

Que o leitor seja paciente e compreensível com nossa limitação e não o espere ler um renascido John Buck e sim um humilde estudante de psicologia.

II.I. Aplicação do teste

Para a aplicação do teste, para melhor compreensão, dividiremos tal segmento em três momentos, o paciente, o ambiente e a atividade propriamente dita.

Em relação ao paciente, este, como dito na introdução, era um familiar deste que os escreve, mais precisamente, seu irmão. Jovem de vinte anos, inconsequente quanto as responsabilidades e revolucionário quanto a moral. Ou seja, um hedonista digno de um Aristipo.

Estuda Mecatrônica na UNISATC, e se encontra nas fases finais. Para nosso orgulho é bom aluno, até mesmo excelente, e divide seus estudos como bolsista estagiário na mesma instituição.

Quanto ao ambiente escolhido, foi um ambiente familiar e pessoal, ou seja, a sala de seu apartamento. Durante a semana discutimos a possibilidade do teste e aproveitando o momento posterior ao almoço, visto que precisei ir para Criciúma por causa do estágio específico, o começamos.

Para este, o “paciente” demostrou-se impaciente e ansioso. Alegou a inutilidade e estupidez de tal exame, perguntando se era realmente isso que aprendíamos durante tantos anos de curso. O irônico é que ele já tinha sido avisado, mas de acordo com a arbitrariedade da idade, um dia se quer uma coisa e no outro, outra. Não obstante os ignaros reclamos, se submeteu a praticar-lho.

Enquanto o fazia, não desperdiçava a oportunidade de criticar-lho e de acordo com a pergunta, continuar a desmerecer-lho. Os desenhos provam isso em um primeiro momento,

mas, se é permitido o uso de um termo psicanalítico, mais do que indiferença parecia ser resistência. Escrevemos resistência pois a cada pergunta, e consequente resposta, o paciente foi perdendo a postura provocativa, chegando ao ponto de muitas vezes permitir-se um silêncio introspectivo e um olhar perdido, da folha ao analista, e do analista a folha. Para cada questão, mesmo com a simpleza do desenho, parecia buscar apoio neste e mesmo seus chistes, como bem escreve Freud, são reveladores.

A casa foi desenhada em 00:01:05, a árvore em 00:00:13 e a pessoa em 00:00:07. Para a atividade foram usadas as três folhas obrigatórias, lápis a mão e borracha a disposição.

A primeira vista o nível de importância foi diminuindo, nada mais contrário a realidade. Talvez a ilusão promovida fosse esta, assim gostaria o paciente que acreditáramos. Mas suas demoras cada vez mais graduais nas respostas mostram totalmente o contrário.

Se precisamos descrever o movimento do lápis no papel, o paciente optou por utilizar uma mão de apoio, e dobrando singelamente a folha, fazer seu desenho com a outra. Para a casa, parou, retomou, olhou para seu questionador, e voltou a desenhar um detalhe, no caso, a graminha. A árvore foi direta e a pessoa, aparentemente terminada, passado um segundo, retomou para desenhar-lhe um sorriso.

II.II. Interpretação

Para o subcapítulo que agora nos compete, usando da experiência acadêmica e literária, o livro organizado da doutora Jurema Alcides Cunha e o manual de aplicação do teste, escreveremos para cada desenho, sua respectiva prévia de interpretação.

II.II.I. Casa

As respostas iniciais, como ficou bem dito, ou aquelas respostas a perguntas tidas como “ridículas”, foram acompanhadas de gracejos ou monossílabas.

De relevante nestas transcrevemos as seguintes, *“esta é sua própria casa? De quem ela é?”*. O paciente responde que *“não”*, que está a venda e quando perguntado se ele a compraria, responde novamente *“não”*, alega que se a casa está em venda se deve a algum motivo, quando perguntado qual, *“se fosse realmente boa não estaria a venda ué”*, pergunto que se isso serve para todas as casas, pois é de se compreender que algumas estejam a venda porque as pessoas se mudam ou etc., o paciente continua a reiterar sua resposta e acrescenta,

quando questionado de quem ela poderia chegar a ser, um tal de Lucinei, *"pois é corretor de imóveis"*. No entanto, esse mesmo corretor, é pai de uma de suas melhores amigas, amiga está muito íntima, tanto que o senhor Lucinei o vê como o filho que nunca teve e, coincidência ou não, normalmente passa os fins de semana na sua casa de praia junto a filha.

Quanto perguntado se gostaria de comprar-lha diz que não, *"olhe só para ela"*, respondo que foi ele que a desenhou assim, "*mas mesmo assim olha, está toda errada"*, *"então porque desenhar uma casa 'toda errada'?"* pergunto, ele responde *"não sei"*. Questionado, caso morasse em ela, com quem moraria, ele diz ninguém.

Em relação as perguntas de espaço e tempo, ele responde graciosamente, *"a casa está no espaço-tempo"*, ou seja, não tem um lugar específico nem um tempo específico para sua existência ou ambiente.

Quando perguntado sobre *"em quem esta casa faz você pensar ou lembrar?"*. Trata de nada responder com os vulgares *"não sei"*, mas pressionado com o olhar e o silêncio, fala da casa da Gisele. Essa moça, amiga íntima da filha do supradito Lucinei, foi a sua "namoradinha", no entanto, *"ela mora em um prédio e não numa casa"* questiono, e ele diz que se falasse de outra pessoa eu não reconheceria, pergunto qual a necessidade de eu conhecer alguém que lhe faça pensar nessa casa, e o paciente prefere o silêncio e fugir do meu olhar.

Fala do estado decadente da casa, e eu questiono quê estado decadente, pois o desenho é muito abstrato, este responde *"olha só o teto"*.

Quando pergunto sobre que tipo de tempo ele gosta, responde praia e perguntado sobre se essa casa fosse uma pessoa, ele responde *"desde quando uma casa é uma pessoa? Não, tem como"*, *"Vitruvio acreditava que uma construção esteticamente bela tinha que ter semelhanças abstratas com um corpo"*, *"então Vitruvio era um idiota, pois uma casa é uma casa e uma pessoa é uma pessoa"*, *"mas você anteriormente a associou"*, silêncio por parte do paciente. Que o leitor lembre quem estava normalmente na praia, assumo que talvez nessa parte tenha provocado muito uma associação com o dito no começo.

Questionado sobre a falta de chão, somente rediz *"para quê?"*. Perguntado sobre o que falta a casa, *"um arquiteto"*. Se é um tipo de residência feliz, *"está a venda né?"*. E claramente para o paciente isso não é algo positivo.

Seguindo o manual e o relato apresentado logo acima, anotaremos as seguintes características que nos chamaram a atenção:

A falta de chaminé, está descrita como falta de calor no lar. Se lembrarmos que uma casa à venda é resultado de que ninguém quis continuar morando nela, é compreensível que se evite um símbolo de conforto.

"Portas muito pequenas retratam os sentimentos de inadequação do indivíduo e relutância em fazer contatos". De acordo com a escuta, mesmo se tivesse a possibilidade não moraria nessa casa (símbolo das relações interpessoais íntimas), no entanto, esta mesma casa indiretamente o faz lembrar de sua amiga e da ex-namorada. O que cria um sentimento ambivalente que pode ser interpretado a partir da disparidade proporcional das janelas para com a porta e relendo as palavras de Buck, talvez um conformismo com a primeira, resultante da experiência negativa com a segunda, ou até mesmo dependendo de como foi o término, uma certa culpa ou autocritica.

O desenho levemente se encontra no centro, o que demostra uma suposta rigidez, mas também, pelo seu posicionamento mais à esquerda, um sentimento de constrição. Remordimento? Os traços leves e simples, seguindo a línea do autor, podem representar "ambivalência social".

Sobre a porta ainda, podemos interpretar o desenho com maçaneta como uma atitude defensiva e somada a janela, "limites de ego fraco", e com todo o dito, talvez realmente estejamos desenhando um homem perturbado quanto certas atitudes e características próprias.

A graminha da frente, pode ser interpretado como um "pedido de convite"?

A falta de chão é outro elemento que reforça nossa tácita hipótese.

II.II.II. Árvore

Sobre as questões relacionadas a árvore, nota-se um desconforto e crescente raiva, talvez provocadas pela primeira parte da aplicação. Tais sentimentos, quando chegar a parte do terceiro teste, serão inexistentes.

Sobre o tipo, laranjeira, quando questionado sobre espaço e tempo, mesmas respostas da casa, quando perguntado sobre sua idade, *"e eu sei lá, quando as laranjeiras dão frutos? Cinco anos?"*. Quando da árvore estar viva *"óbvio, se tem frutos"*. Diz lembrar-lhe da chácara da casa de seus pais, questiono que não tem laranjeiras naquela chácara, então reitera que de certa forma lhe lembra algo familiar, mas ao mesmo tempo, *"era o desenho que usava na aula de artes"*. A última frase quase pareceu forçada.

Quando perguntado se essa árvore fosse uma pessoa, *"é o Laranjo"*, *"que Laranjo?"*, *"o do meme"* (mostra-me o meme no celular), *"porque ele?"*, *"porque é uma laranja e achei engraçado"*, fico olhando em silêncio, *"meus amigos me enviavam muito ele, mas eu era quem tinha o maior acervo de memes do laranjo"*, *"você tinha o maior acervo?"*, *"isso, e todo mundo o copiava de mim"*, *"e de que forma você o utilizava?"*, *"para qualquer coisa, era engraçado, e todo mundo gostava e todo mundo usava"*, *"e você o fazia porque todo mundo o fazia?"* pergunto, *"não, mas se todo mundo usava, eu também usaria né?"*, *"é?"*, silêncio introspectivo, *"sei lá…."*.

Pergunto sobre o que essa árvore mais precisa, *"de água"*, *"mas você disse que ela estava saudável e tem frutos"*, *"mas mesmo assim"*, *"e você disse que ela faz lhe lembrar da chácara"*, *"isso"*, *"e que ela tem cinco anos"*, *"acho que sim"*, *"mas você tem vinte anos"*, silêncio incomodo, *"você brincava na chácara quando era criança"*, silêncio, *"você é a árvore?"* pergunto, *"não..."*. Que o leitor guarde esse momento para quando o assunto for as perguntas relacionadas a pessoa.

Seguindo o manual e o relato apresentado logo acima, anotaremos as seguintes características que nos chamaram a atenção:

Resulta dos três desenhos o mais pobre de conteúdo, talvez seja compreensível pelo fato de ser, dos três, o mais ao centro.

Reiteramos o sentimento de constrição.

Sobre a copa e tronco que mal se diferenciam, pode ser interpretado talvez como uma compensação no terreno da fantasia. Não surpreende nem na psicologia analítica nem muito menos na psicanálise que os sonhos têm essa função em relação as "pressões" da realidade.

A falta de galhos é chamativa se estes representam "recursos de obtenção do indivíduo". Em relação com o dito no párrafo acima, uma falta de habilidades na realidade.

Sobre a idade da árvore, não me senti muito satisfeito com o descrito no manual. Pois acredito que está mais próximo a uma projeção infantil. Precisamente se o valor fantasioso é real.

II.II.III. Pessoa

O paciente pergunta se falta muito, sente-se incomodado, e alega ter coisas mais interessantes para fazer. No entanto, como escrevemos, se o desenho foi breve, breve não foram seu aportes quanto as perguntas.

Sobre o sexo do desenho, ele *"é um stickmen* (como se refere ao desenho em palitinho), *não tem um sexo"*, insisto na pergunta, *"é um stickmen"*. Não tem nome, não se diferencia de nada, ou seja, não tem identidade, é uma abstração das pessoas no geral, pelo menos é o que ele diz em primeiro momento.

No entanto, por algum motivo, fala que o desenho é bonito ao contrário da casa, pergunto o porquê, *"o palito é bonito, a casa não"* e claramente se sente incomodado com a casa, pois começa novamente a denostar-lha.

O interessante nesse momento é que quando perguntado sobre se a "pessoa", -sempre me referi como pessoa e nunca como palitinho ao desenho, quase para provocar-, mais especificamente, perguntado sobre seu sorriso, ele responde "*ele aparenta estar feliz"*, *"aparenta?"*, *"sim, mas as pessoas podem sorrir e não estarem felizes"*, *"como por exemplo"*, *"sei la, tu vem na rua uma pessoa sorrindo e não necessariamente a pessoa deve estar feliz"*, *"as pessoas andam na rua sorrindo?"*, *"não, mas se andassem não estariam"*, *"como você pode ter certeza?"*, *"porque sim, as pessoas sorriem porque sim, é muito mais fácil assim"*, *"você faz isso?"*, *"eu não, sou feliz"*, *"é?"*, *"nãaaao, sou superdepressivo, cuidado, vou me matar"* e se a boca sorri, não parece que seu espírito o acompanhe.

Fora o cinismo, é interessante notar que quando perguntado sobre quem essa pessoa representa, e após reiterar que o ser humano no geral, e não tem como machucar-lho porque ele não é "em si" alguém, carece de felicidade, tristeza, etc.. Em determinado momento ele começa a falar de si, diz que se tivesse dotes de artista, se desenharia a si mesmo, *"porquê você desenharia a si mesmo?"*, *"porque sim, amor-próprio"*, *"um religioso que tem temor ao contato com um ateu, e a sua nefasta influência, não me parece muito religiosa, e sim em dúvida. Alguém que precisa se desenhar para demostrar que possui amor-próprio…"*, "*nada a ver, se eu tenho de sobra eu me desenho"*, *"mesmo nesse teste que estamos fazendo?"*, *"sim, não preciso provar nada"*, *"e essa pessoa, é parecida contigo?"* aponto para o desenho, *"claro, apenas não sei desenhar"*, *"mas você disse que representavam as pessoas no geral"*, o paciente insinua que responderá, mas prefere calar-se, e esse calar é quase acompanhado de um singelo lacrimejar de olhos, que mais de uma vez não se nos escapou no teste.

Seguindo o manual e o relato apresentado logo acima, anotaremos as seguintes características que nos chamaram a atenção:

Obviamente devemos levar em conta a vontade do paciente e não interpretar literalmente este desenho em questão, que de todos, é o mais "simples" e digno de psicopatia.

Entretanto, podemos salientar, segundo Buck, o espírito de dependência do desenho.

Os detalhes do rosto, “dominação social compensatória”. Recordemos as palavras do paciente sobre as pessoas que sorriem e não estão felizes.

Como o primeiro, sua localização evidentemente na esquerda,

> “Retraimento, regressão, organicidade (hemisfério esquerdo), preocupação consigo mesmo, fixação no passado, impulsividade, necessidade de gratificação imediata”

E pela sua localização exata no quadrante superior esquerdo,

> “Indivíduos com deterioração psicótica ou orgânica muito frequentemente localizam seus desenhos nesse quadrante, assim como os indivíduos que não atingiram um alto nível de maturidade conceitual”

Melhor interpretar tão fortes palavras como uma deficiência introspectiva que, pelo menos, nesse teste foi trabalhada brevemente, permitindo ao paciente um momento com o olhar para si-mesmo.

> “A qualidade do desenho reflete a capacidade do indivíduo para atuar em relacionamentos e para submeter o ‘self’ e as relações interpessoais à avaliação crítica objetiva.”

A inclinação da pessoa, como se estivesse caindo, e ao mesmo tempo aquele sorriso, dificilmente pode ser mal interpretado em relação ao dito pelo paciente.

II.III. Síntese interpretativa

Na sua excelente obra, Psicologia e Alquimia, Jung define o símbolo como uma forma de linguagem “criada” para ocultar dos olhos não-iniciados conhecimentos esotéricos, ou seja, de uma profundidade que somente pessoas capacitadas poderiam aproveitar-lhe os frutos, como por exemplo, para o ignorante, a lapis philosophorum é aquilo “despreciado por todos”, para o sábio, o conhecimento para sua imortalidade. Logo, signo é toda aquela figura de linguagem de conhecimento aberto e comum, por exemplo, uma placa de PARE.

Logo, é mister saber diferenciar no desenho feito, por mais simples que seja, o que é signo e o que é símbolo. E a chave para compreender o último se encontrará no relato do paciente.

Em relação ao nosso paciente, os desenhos da casa e da pessoa se apresentaram como os mais ricos de material. Mesmo que a árvore seja o mais simples e menos prolífico em respostas interessantes no questionário, não negaremos que possui um valor de relevância quanto a suspeita de pôr onde devemos iniciar a interpretação.

Pode ser que

> "...a omissão de partes essenciais na representação da casa ou da árvore pode-se associar com deterioração intelectual (Groth-Marnat, 1984). Por outro lado, o próprio HTP já foi utilizado para estimativa da inteligência adulta, ainda que já não haja sentido em usá-la com tal objetivo, uma vez que o psicólogo dispõe de recursos mais sofisticados e precisos para este fim" (CUNHA, 2007)

Não obstante, como reiteramos cansativamente ao longo do relatório, a postura do paciente era predisposta a desenhos simples e de superficial gracejo. Digo superficial porque acabou se revelando, se é que não nos permitimos ser muito positivistas, de uma profundidade que evidencia uma queixa existente.

Em síntese, e evitando certos dados mui particulares e que acabamos por saber por este ser precisamente nosso irmão, resumimos nossa hipótese a uma luta que transcende a humanidade desde seus primórdios. Uma crise identitária consequente de um período de transição, onde a diversão de participar de uma "tribo" se vê em desarmonia com o que realmente se quer. Em linguagem existencialista, quase diríamos que se passa por uma tomada de evidencia.

A dependência para com esse mundo, para com essa aceitação é fruto tanto de um processo histórico como da contemporaneidade, fruto de uma sociedade dinâmica e estática em paradoxo cruel, ou seja, estamos todos relacionados através da tecnologia e internet, mas nunca fomos tão insensíveis, superficiais e consequentemente, histéricos.

A amizade feminina em Jung é interpretada como uma compensação da Anima no homem. Este elemento feminino tem sua contraparte na ex-namorada. Pois a ambivalência existente da casa é da mais interessante. Ao mesmo tempo que é um lugar ruim para se viver, o paciente demostrou o cuidado de desenhar um belo caminho ao umbral. Ao mesmo tempo que a criticou como um lugar em que não mandaria seus piores inimigos, a associou com duas figuras femininas que ama, que não tenho a menor duvida que se trabalhadas se resumirão na

mãe.

A pessoa do desenho final, em posição diagonal, de queda e falso sorriso, é das mais interessantes de se interpretar. Se como ele mesmo alega, que se pode sorrir sem ser feliz e que é muito mais cômodo para o convívio no mundo, somado a que a pessoa, por associação livre, o levou a feia casa, como não podemos pensar nessa luta interna que se combate por projeção no exterior?

A própria postura do paciente que no decorrer transmuta, e seu jeito conhecido por mim de ser, taciturno e de linguagem seca e de baixo tom, esteve por momentos em claro incomodo, seus olhos mais de uma vez revelaram o que a máscara do cinismo quis esconder.

Como seja, uma pincelada geral é o máximo que podemos almejar nessa situação precária e em nossa ignorância. Mas mesmo essa leve imagem, é o suficiente para provocar em este que os escreve, um fascínio.

Realmente, se o intuito do relatório era este, provocou uma curiosidade que esperamos no decorrer do final do curso continuar a sentir.

III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos cientes de que a aplicação deste teste é aberto a inúmeras críticas quanto ao ambiente e a "pureza" do nosso paciente. Estamos cientes também que muitas das nossas decisões de aplicação não podem ser tidas como certas em relação a uma realidade clínica e de profissional competente.

Entendemos na prática a dificuldade de trabalhar com familiares, a debilidade quanto a devolutiva e as informações predispostas por um largo convívio e não por serem trazidas em sessão. Infelizmente, não encontramos outro sujeito e, de certa forma, queríamos, assumimos, testar-lho em alguém do nosso círculo.

Podemos ser achacados de falta de seriedade, mas tais comentários seriam contrários a nossa própria postura de curiosidade e índole filosófica. Vimos em ação uma ferramenta que se até o momento era tida como parcialmente questionável, ou melhor, com certas reservas, agora, mesmo na imperfeição da nossa atuação, estamos convencidos da sua utilidade.

A transformação do paciente no decorrer da sessão foi tão evidente que se soltamos mais de um suspiro de admiração, devemos ser perdoados. A associação livre, a partir da simpleza do desenho, foi produtiva e permitiu que não somente nós saíssemos com algum

benefício teórico e prático, como também o próprio paciente permitiu-se uma atitude introspetiva de que raramente faz uso.

O contato pode ter sido corrompido pela proximidade entre paciente-psicologo como bem reiteramos na nossa apologia, mas descartar por completo nossa interpretação por isso é algo sem o menor sentido. As hipóteses são válidas quanto a sua estrutura se podemos deixar de lado momentaneamente as comprometidas parcialidades da familiaridade, e nos atermos a função de treinamento.

Sendo assim, completamos nosso trabalho, com a "surpresa", elemento sempre importante para o posterior conhecimento.

IV. REFERÊNCIAS

CUNHA, Jurema Alcides et all. **Psicodiagnóstico-V** [recurso eletrônico] / Jurema Alcides Cunha … [et al.]. – 5. ed. rev. e ampl. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2007.

BUCK, John N.. **H-T-P: casa-árvore-pessoa, técnica projetiva de desenho: manual e guia de interpretação**/ John N. Buck; tradução de Renato Cury Tardivo; revisão de Iraí Cristina Boccato Alves – 1.ed. São Paulo: Vetor; 2003.

V. ANEXOS

O questionário inclui-se na análise do subcapítulo II.II, pois as notas foram de carácter mais mnemônicas que outra coisa, sem falar que acompanhávamos pelo dispositivo celular as perguntas do manual de HTP. Salientamos que as notas não representam o óbvio número total de perguntas. No entanto, se assim se exige, anexamos abaixo,

Pessoa - 0007:00

I - Se sente incomodada de casa

II - Não tem nome e irmão se diferencia

III - Pessoas no geral

IV - O palito é bonito a casa não

V - Eu - Amor próprio

Figura 2: Folha de Questionário II

Seguem os desenhos do paciente,
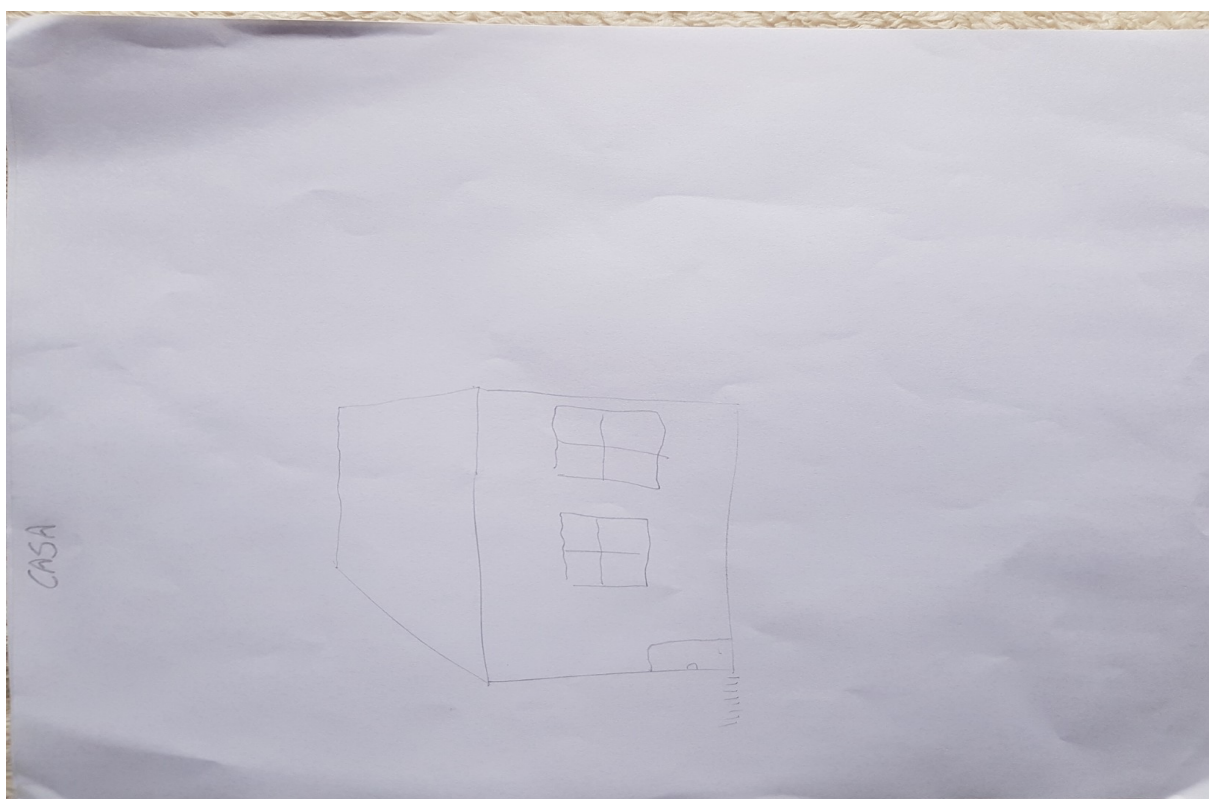
Figura 3: Casa
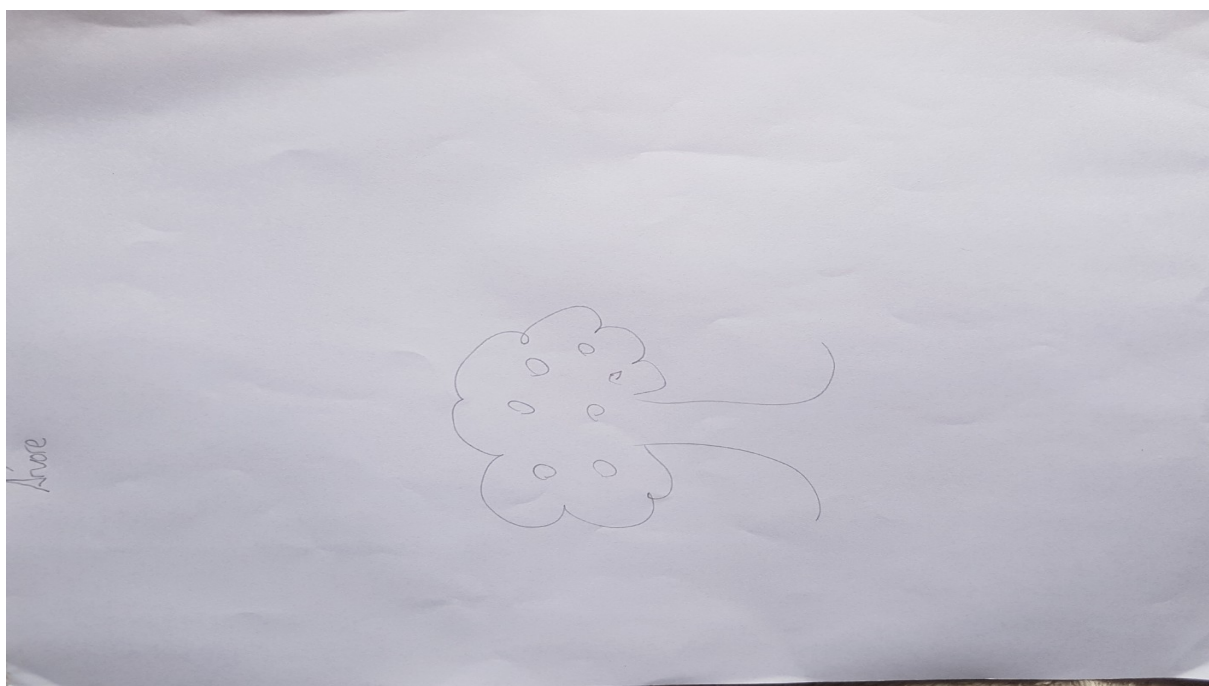
Figura 4: Árvore

Figura 5: Pessoa